

# Entre “Copacabana, praia de memórias” e “Copacabana, cidade vertical”

Between “Copacabana, beach of memories” and “Copacabana, vertical city”

Vicente Saul Moreira dos Santos

Historiador pela UFRJ, Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC / FGV) e Pesquisador Associado ao Laboratório de Imagem, Memória, Arte e MetrÓpole (IMAM) / Instituto de História / UFRJ.

[vsaul3@gmail.com](mailto:vsaul3@gmail.com)

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é identificar o processo histórico de construção e valorização do espaço urbano carioca conhecido como Zona Sul, especialmente Copacabana. A pesquisa mapeou os esforços dos poderes públicos que buscaram transformar o bairro oceânico como lócus privilegiado de moradia e de lazer da cidade que almejava ser moderna na primeira metade do século XX. Copacabana passou a ser valorizada pelas elites, assim como foi buscada pelas classes médias e pelos setores menos abastados. A orla se tornou área de lazer para copacabanenses, cariocas e turistas. Como a pesquisa foi parte do doutorado, mobilizei vários literatos para construir a narrativa e ressaltar a análise em curso. Especialmente entre as décadas de 1940 e 1950, o bairro passou por grande crescimento populacional e complexificação urbana, notado através da rede de transporte, dos estabelecimentos comerciais, cinemas, teatros e boates. É possível compreender como foi o processo de afirmação simbólica, social e econômica de um dos principais bairros do Rio de Janeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Rio de Janeiro; Zona Sul Carioca; Copacabana.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to identify the historical process of construction and valorization of the urban space of Rio de Janeiro known as Zona Sul, especially Copacabana. The research mapped the efforts of public authorities that sought to transform the oceanic neighborhood into a privileged place of residence and leisure in the city that aspired to be modern in the first half of the 20th century. Copacabana began to be valued by the elite, as well as by the middle classes and the less affluent sectors. The waterfront became a leisure area for Copacabana residents, locals and tourists. Since the research was part of my doctorate, I mobilized several literary figures to construct the narrative and highlight the analysis in progress. Especially between the 1940s and 1950s, the neighborhood underwent significant population growth and urban complexification, noted through the transportation network, commercial establishments, cinemas, theaters and nightclubs. It is possible to understand the process of symbolic, social and economic affirmation of one of the main neighborhoods of Rio de Janeiro.

**KEYWORDS:** History of Rio de Janeiro; South Zone of Rio; Copacabana.

“E como Copacabana representa, na vida da cidade, um ciclo de desenvolvimento e beleza, (precedendo) Ipanema, Leblon, enfim, o tronco robusto que produziu tantos outros rebentos no panorama da parte sul do Rio de Janeiro, desde a Pedra da Gávea, até à pedra do Pão de Açúcar, orientadora dos antigos navegantes portugueses” (Costa Rêgo, 1965, p. 527).

A cidade que teve seus quatrocentos anos comemorados em 1965 não foi construída, nem ocupada de um dia para o outro. A mudança sequencial de valorização dos bairros do Rio de Janeiro seguiu uma dinâmica econômica, política, cultural, social e simbólica. Importa aqui acompanhar seus movimentos, transformações e singularidades, especialmente o contexto de ocupação e valorização de Copacabana, um dos bairros mais emblemáticos da cidade e do Brasil.

O Centro foi, inicialmente e por muito tempo, o espaço primordial de crônicas, canções, textos teatrais, fotografias, mapas e prospectos turísticos. Gradualmente, essas narrativas / perspectivas acerca da urbe passaram a priorizar a Zona Sul, especialmente Copacabana. Os investimentos públicos e privados, a valorização simbólica, a divulgação artística e as propagandas foram e são elementos que possibilitaram compreender esse processo, no qual as belezas naturais foram invocadas inúmeras vezes.

Estes fatores atraíram e atraem os interesses das elites, das classes médias, dos artistas de todas as áreas, dos intelectuais e dos setores menos favorecidos que residiram e residem nos conjugados e pensões e, notadamente, nas favelas que persistiram nesta região mesmo com a especulação imobiliária, encarecimento dos terrenos e as políticas de remoção. A categoria Zona Sul foi difundida pela imprensa no Brasil e no exterior, e em outros territórios e produções culturais da cidade.

## E já “nasceu cidade”?

A fundação do Rio de Janeiro foi realizada nas imediações da Urca em 1565. Por motivos estratégicos, o núcleo urbano foi transferido para o local que ficaria conhecido como Morro do Castelo e suas imediações. Somente em 1763, a sede do poder colonial foi transferida de Salvador para o Rio, devido à proximidade da urbe com a região mineradora, principal fornecedora de riquezas da América Portuguesa. O porto era a conexão com o Atlântico Sul e o estuário do rio da Prata. Entre 1760 e 1780, a população da cidade aumentou 29%.

A vinda da Família Real proporcionou uma série de significativas mudanças para o Rio que ganhou o status de capital do Império Colonial Português. A região central abrigava a maioria da população, num espaço urbano onde a diferenciação social não era percebida ainda pela localização das residências, mas sim pela tipificação e aparência, pois os sobrados de dois andares eram vizinhos de casas de chão batido.

O crescimento populacional levou a um processo de ocupação em diferentes direções. Gradualmente se acentuou a diferenciação social pelo lugar de moradia, pois os mais pobres fixaram residências nas freguesias que hoje equivalem aos bairros da Gamboa, Saúde e Valongo, localizados nas proximidades do Centro. Na cidade-sede do Império Brasileiro foram criadas novas freguesias administrativas na direção da Zona Norte e da Zona Sul.

Entre a Proclamação da República (1889) e a inauguração de Brasília (1960), a cidade do Rio de Janeiro desempenhou a capitalidade política, mas até a atualidade mantém representativa e simbólica centralidade cultural. O Rio tornou-se Estado da Guanabara (1960-1975), sendo a única cidade-estado do Brasil.

## Nos trilhos do bonde – Do Centro para a Zona Sul

Pode-se considerar a especulação imobiliária, a valorização e a desvalorização simbólica como motivadoras da migração dos mais abastados inicialmente do Centro para Glória, depois Catete, Flamengo, Botafogo, Laranjeiras, Cosme Velho, Jardim Botânico, Gávea, Lagoa, Urca, Copacabana, Ipanema, Leblon e São Conrado. Esse processo foi contínuo, em movimento de avanços e recuos, com (im)permanências, com (re)significações motivadas por interesses públicos e privados.

Para a Zona Sul, o sistema de transporte privilegiado foi o bonde, possibilitando o acesso ao Centro e aos locais de trabalho para quem pudesse arcar com os altos custos de residir nos bairros valorizados. A Botanical Garden Railroad Company, depois renomeada como Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico, inaugurou a primeira linha de bonde (por tração animal), na direção sul em outubro de 1868, ligando a Rua Gonçalves Dias ao Largo do Machado, voltada para a população da freguesia da Glória.

Em janeiro de 1871, a empresa estendeu a linha do bonde pelo valorizado bairro de Botafogo, pelo Jardim Botânico até o ponto final no Largo das Três Vendas, atual Praça Santos Dumont, na Gávea. Ainda nesse ano, estabeleceu o trajeto na direção das Laranjeiras. Em dezembro de 1872, o ramal da Gávea foi inaugurado. Gradualmente, contribuiu para mapear e aproximar espaços da urbe, considerando que os únicos limites impostos às linhas eram os aspectos físicos da cidade, contudo alguns trajetos adentraram a floresta. Não foi à toa que o bonde se tornou o marco da ocupação de bairros como Copacabana. Através dos trajetos, era possível conhecer o espaço urbano, de onde se observava “sua gente, suas casas, suas ruas, seu comércio, seus costumes” (Freyre, 1965, p. 324). No seu interior, o passageiro acompanhava os assuntos cotidianos, o interesse pela loteria e pelo jogo do bicho.

Em 1892, a linha de bonde entre o Centro e o Largo do Machado foi a primeira eletrificada da cidade. Nos anos seguintes, outros trajetos passaram para esse sistema.

No início do século XX, o Centro potencialmente concentrava as populações mais pobres, onde trabalhavam e residiam, costumeiramente em cortiços, pois em grande medida não tinham condições financeiras de utilizar os bondes, nem a rede ferroviária (Benchimol, 1990). Esta área, por reunir os estratos sociais mais carentes, passou a ser identificada como o símbolo do atraso da capital e do país. Instaure-se então um discurso que opunha atraso e progresso, tradição e modernidade, barbárie e civilização, evidenciando a área central como região que deveria ser evitada, em oposição aos bairros residenciais privilegiados pelas elites, especialmente na Zona Sul.

A Reforma Pereira Passos atuou primordialmente na área central, mas foi construída a Avenida Beira-Mar, com 5.200 metros de extensão, ligando a antiga praia de Santa Luzia, no Centro, ao Mourisco, em Botafogo. Foi ordenada a plantação de árvores e canalização de rios na Zona Sul, além de tornar mais salutar a Lagoa Rodrigues de Freitas.

As efemérides tradicionalmente incrementam o desenvolvimento turístico de uma cidade. E foi isto que aconteceu nas comemorações do Centenário da Independência (1922) quando foram inaugurados o Hotel Glória (1922); o Hotel Sete de Setembro (1922), na Avenida Rui Barbosa, no Flamengo, e o Copacabana Palace (1923), na Avenida Atlântica. Em 1925, foi a vez do Hotel Balneário da Urca, onde funcionou o Cassino da Urca, entre 1933 e 1946.

Nas primeiras décadas do século XX, o bonde continuava sendo o principal meio de transporte público de ligação da Zona Sul ao Centro. Os trilhos interligaram toda a cidade e contribuíram para tornar o bairro de Copacabana acessível para mais parcelas da sociedade.

A gestão de Henrique Dodsworth (1937-1945) alargou e duplicou o Túnel do Leme, remodelou a Praia Vermelha, construiu o Jardim de Allah e adquiriu o Parque da Cidade, na Gávea, antiga propriedade da família Guinle. O advogado Dodsworth, que era sobrinho e chefe de gabinete da prefeitura de Paulo de Frontin (1919), foi um dos principais gestores da cidade do Rio, pois “sem dúvida, as obras públicas são as que mais realçam os governos” (Reis, 1977, p. 109), segundo as palavras de Oliveira Reis, destacado funcionário da prefeitura e um dos maiores especialistas na história urbana carioca. Embora o feito principal do período foi a construção da Avenida Presidente Vargas, outras vias ganharam atenção como a abolição dos refúgios que abrigavam postes em algumas vias de Copacabana como na Avenida Atlântica, onde a iluminação passou para os passeios dos prédios, em alguns trechos foi removida a arborização e a linha de bonde foi desviada para Avenida Nossa Senhora de Copacabana, que passou por asfaltamento e os refúgios arborizados foram eliminados.

A serviço da especulação imobiliária, a iniciativa privada demoliu os velhos casarões para construir edifícios comerciais e residências, processo realizado desde a Glória até Copacabana. Desde o início do século XX, a destruição do casario e da flora em prol do progresso urbano nos bairros da Zona Sul foi tema de crônicas de muitos escritores brasileiros (Santos, 2013). Imperou o tom nostálgico de uma cidade e um cenário que deixaria de existir com seus casarões, bares, restaurantes, livrarias e das sombras de suas amendoeiras, palmeiras e acácias.

### **Dissonâncias na Zona Sul: Os primeiros embates**

Importantes veículos da imprensa nacional atuaram na divulgação da categoria Zona Sul a partir da década de 1940:

A Zona Sul, que começa propriamente no Flamengo, é a civilização do apartamento, e das praias maliciosas, do traje e dos hábitos esportivos, da ‘boite’ e do pecado à

meia-luz, dos enredos grã-finos, do ‘pif-paf’ de família, dos bonitões de músculos à mostra e dos suculentos brotinhos queimados de sol, dos conquistadores de alto coturno e de certas damas habitualmente conquistáveis, do ‘short’, do blusão e do ‘slack’, dos hotéis de luxo (e de outros de má reputação) e dos turistas ensolarados. O Rio cosmopolita está na zona sul, onde uma centena de nacionalidades se tropicalizam à beira das praias. (...) Zona sul - zona norte, paraíso e purgatório do Rio. Sair do purgatório e ganhar o paraíso é aspiração de quase todos, mas há quem prefira, sinceramente, a vida simples e provinciana dos bairros e subúrbios do norte. Para muitos a zona sul não é o paraíso, mas o inferno da perdição, onde Copacabana dita a imoralidade, o aviltamento dos costumes, a frivolidade e a boemia (Gomes, 1953, p. 67).

Conforme diversas crônicas e matérias jornalísticas, muitos cariocas e turistas identificavam Copacabana como local da modernidade, mas seus moradores eram vistos como permissivos e de moral duvidosa para alguns. A visão sobre o bairro foi evidenciada no contraponto entre a Igreja de Santa Teresa do Menino Jesus, em Botafogo, e a vizinha Copacabana. O templo foi inaugurado em 1940 ao lado do casarão conhecido como Solar da Fossa, onde residiam artistas e intelectuais no início da carreira nas décadas de 1960 e 1970. No local da residência foi construído o shopping Rio Sul. O próprio título da matéria dava uma ideia: “Oração antes do túnel”, pois:

Além do túnel Copacabana, sua fervura humana, seus pecados de praia, mar e boates. Aquém do túnel, bem rente ao buraco civilizado, ficam as velas da fé, ao lado da igreja de Teresa. O túnel é o divisor entre Deus e Copacabana, entre o espírito e o barro, entre a vida por dentro e a vida por fora. De um lado, a cruz, o Menino-Deus nos braços de sua babá santificada; do outro, o olhar do homem sobre a dourada população de maiô. De

um lado se peca às vezes com bom gosto; na outra banda os pecados sofrem a erosão da prece (Lemos, 1965, p. 73).

O compositor e cronista Antônio Maria foi outro autor que rompeu com os clichês ao mostrar o dark side da solar “princesinha do mar”. Ele próprio afirmava “é esta a cidade dos meus anseios e naufrágios” (Antônio Maria, 1965: 283). Abordou o submundo de Copacabana em sua coluna “Romance Policial de Copacabana” publicada pelo jornal Última Hora.

Os copacabanenses pareciam ter ideia dos modelos que serviam de inspiração, como as praias de Biarritz, Nice, Miami e Palm Beach seriam algumas das referências primordiais, e de diferenciação, sobretudo os bairros pobres da região central e dos subúrbios cariocas, que se localizavam distantes geograficamente, e sobretudo, no campo simbólico (O’Donnell, 2013). Essa sensação era e é compartilhada por habitantes de outros bairros da Zona Sul.

### **Copacabana: de local isolado ao bairro mais famoso do Brasil**

Até o início do século XVI, os índios tamoios denominavam a praia por Sacopenapã. Através da cartografia sobre a cidade do Rio percebe-se que essa denominação foi utilizada até o século XVIII. O termo Copacabana significa em quíchua, um observatório ou mirante azul, representa uma cidade do altiplano andino e uma divindade inca cristianizada – Cópac Awana – meio homem e mulher com rabo de peixe esculpida numa pedra azul que zelava pela fartura no lago Titicaca. O poder simbólico dessa imagem pode ser percebido até a contemporaneidade, pois consta em vários locais do bairro, em bares, restaurantes e na colônia de pescadores, próxima ao Forte de Copacabana, no Posto Seis.

Atualmente o lago fica na divisa entre o Peru e Bolívia, sendo que no território boliviano a cidade de Copacabana preserva até hoje a estátua

original. A imagem dessa santa com traço indígena foi achada na areia da praia por pescadores no século XVII, provavelmente deixada por navegadores espanhóis que viajavam do Peru com destino a Espanha. Outra versão conta que a imagem trazida por comerciantes de prata da Bolívia, permaneceu muitos anos na igreja da Misericórdia no Centro, sendo trasladada para a “igrejinha de Copacabana” no século XVIII (Gerson, 1965, p. 143). Ambas indicam uma circulação cultural entre o mundo colonial ibérico e a praia como local de passagem de viajantes. Em 1746, o bispo D. Frei Antonio do Desterro retornava de Angola e na eminência de um naufrágio nas imediações da praia, prometeu que se sobrevivesse construiria uma igreja por gratidão a Nossa Senhora de Copacabana. A capela foi construída onde posteriormente ficaria o Forte. Ainda no século XVIII, as fortificações no Leme, no morro da Babilônia e nas proximidades da ermida reforçaram o sistema defensivo da cidade.

Essa praia incrustada entre montanhas era acessada por mar ou pelas trilhas de difícil acesso pela mata. Os pescadores foram seus primeiros moradores. Existem poucos relatos de viajantes sobre Copacabana, embora Maria Graham e Jean Baptiste-Debret ali estiveram. Em 1858, a população do Centro da cidade se deslocou para a remota praia onde tinha notícia de duas imensas baleias. Quando os curiosos chegaram, não encontraram mais os animais, mas aproveitaram para realizar uma grande confraternização, que incluiu Dom Pedro II e a família real. O passeio foi fotografado e exibido por um cosmorama na Rua dos Ciganos, no Centro, despertando interesse nesse longínquo arrabalde da capital imperial.

Desde meados do século XIX, o local passou a atrair interesse de nobres que faziam piqueniques no areal. Nessa época, algumas famílias construíram chácaras na região, evidenciando o interesse imobiliário no anterior “território do vazio” (Corbin, 1989). A presença cada vez maior de visitantes levou à abertura de novos caminhos para facilitar o acesso ao bairro através de trilhas pela Ladeira do Leme, Ladeira Barroso e o Caminho do Cantagalo.

Em 1873, o Barão de Mauá inaugurou o telégrafo por cabo submarino entre o Brasil e a Europa, nas proximidades da praia. No ano seguinte, os funcionários da *Brazilian Submarine Telegraph Company* foram os primeiros moradores da atual Rua Francisco Otaviano. Ainda em 1874, a inauguração da Praça Martim Afonso (atual Cardeal Arcoverde, o primeiro cardeal do Brasil), marcou a evidente presença de moradores na região. No final da década de 1870, Figueiredo de Magalhães abriu uma casa de saúde nas proximidades da praia. O discurso higienista associava os ares marítimos como facilitadores no tratamento de várias doenças. No fim do século “os bairros semidesertos do Leblon, Ipanema, Copacabana, Leme” integravam o distrito da Gávea (Barbosa, 1965, p. 538).

A Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico inaugurou o Túnel da Real Grandeza (conhecido atualmente como Túnel Velho), em 1892, para possibilitar o acesso da linha de bondes por tração animal entre Botafogo e Copacabana, com o ponto final da Rua Barroso (atual Siqueira Campos), na altura da Praça Malvino Reis, atual Serzedelo Correa. Vale ressaltar que alguns acionistas se opuseram “à ideia absurda de estenderem as linhas de bonde até aquele deserto arenoso, sem habitações, cujo progresso seria muito lento” (Barbosa, 1965, p. 538). Os interesses dessa empresa estavam coadunados com os dos proprietários dos grandes terrenos do bairro, como o Barão de Ipanema, que os fracionaram para serem vendidos em lotes. Tinha que haver a valorização dos capitais investidos, assim foi difundido um estilo de vida como forma de impulsionar o setor imobiliário e nesse bojo foi difundido o conceito simbólico “Zona Sul”.

Este contexto revelou uma novidade para o Rio de Janeiro, pois foi a primeira vez que setores ligados à economia, e não ao governo, atuaram na valorização de um espaço da cidade, e mais especialmente, como seria ocupada essa região, quais moradores e que tipo de habitação deveria haver. Comerciantes e empresários participaram da valorização de Copacabana e de toda Zona Sul, especialmente ao apontarem as favelas

como problema urbano, que contribuía com as enchentes (Maia, Santos, 2025), influenciando as políticas habitacionais ao longo do século XX.

Enquanto os poderes públicos eliminavam as habitações populares das áreas centrais da cidade, as favelas avançavam sobre os bairros valorizados da Zona Sul, como Copacabana e Botafogo. Os primeiros moradores que ocuparam os morros desses bairros chegaram no último quartel do século XIX, mas a ocupação aumentou no contexto de remoção das habitações populares do Centro.

O engenheiro José Cupertino Coelho Cintra foi o responsável pela perfuração do túnel para Copacabana e pelos bondes elétricos para Botafogo e Praia Vermelha que possibilitaram o acesso “aos outros lindos bairros (que) haveriam de surgir” possibilitando “o rumor transbordante da capital que tinha de crescer” (Costa Rêgo, 1965, p. 527), afinal “não foi um serviço de pouca valia oferecer Copacabana ao Rio de Janeiro” (Costa Rêgo, 1965, p. 528).

Diversos interesses propagandearam e atuaram no convencimento das camadas sociais mais abastadas da capital federal de como e onde era moderno, aristocrático e saudável morar ou ter residências de final de semana na região oceânica.

Nos anos seguintes, foram inaugurados os novos itinerários em direção à Igreja do Forte e ao Leme que incentivaram a valorização do bairro, a abertura de ruas e o loteamento de terrenos. Ainda em 1894, um relatório da diretoria da empresa responsável pelas linhas de bonde destacou:

É incontestável que as duas praias de Copacabana e Arpoador são dotadas de um clima esplêndido e salubre, beijadas constantemente pelas frescas brisas do oceano... A exceção de um ou outro prédio bom, os demais são, na verdade, pequenas e pobres choupanas... É um bairro a

criar-se. Agora é que vão tendo começo as edificações, as melhores casas se levantam, depois de vendidos os lotes para esse fim, já se acha organizada uma companhia, com capital suficiente para edificar um club de Sport e uma grande casa balneária, que, brevemente, dará começo às obras. Dentro de um lustro, aqueles desertos do Sahara – como o qualificaram, se converterão em grandes povoações, para onde afluirá, de preferência, a população desta cidade... Não podemos duvidar da ação civilizadora dos nossos tramways, que têm levado aos bairros afastados e desertos o gosto e o conforto na edificação de prédios, a vida e o progresso, dilatando assim o seu percurso, com aumento de renda (Santos, 1934, p. 344).

Nesses primeiros anos, “o bairro era um vasto areal com poucas ruas abertas, pouquíssimas casas de alvenaria. Não havia iluminação. Os bondes circulavam até às quatro e meia da tarde. De pão e carne, os moradores de Copacabana se abasteciam nas padarias e nos açougues de Botafogo” (Barbosa, 1965, p. 538). Essa foi a realidade vivenciada por Filomena de Meneses Miranda, tia-avó de Augusto Frederico Schmidt, quando se mudou para o bairro no fim do século XIX. Por recomendações médicas, ela e o marido se mudaram da Rua Gonçalves Dias, no Centro, para a Rua Hilário de Gouveia. Mesmo após ficar viúva, dona Filó, como era conhecida, morou em Copacabana até falecer, acompanhando “o bairro crescer pouco a pouco e transformar-se afinal numa outra grande cidade dentro do Rio de Janeiro” (Barbosa, 1965, p. 538).

Em 1899, a Empresa de Construções Civis, de Otto Simon e a Companhia Jardim Botânico firmaram acordo com a prefeitura, onde a primeira mudaria o traçado de algumas ruas para facilitar o trajeto do bonde no Leme, cabendo ao poder público o arruamento desses logradouros. Dois anos depois, o trajeto da Igrejinha (atual Forte) foi prolongado até a Vila Ipanema, quando teve instalada a rede elétrica. Cabe ressaltar que essa praia era pouco habitada, mas já era evidente o potencial econômico dessa

região da Zona Sul, como futura área de especulação imobiliária, como atestaram algumas propagandas veiculadas pela imprensa e por *folders* patrocinados pelo capital privado.

No ano seguinte, em 1900, o túnel de ligação com Botafogo através da Real Grandeza foi aberto para pedestres, e em 1927 foi renomeado para Alvor Prata. Em abril de 1906, na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906) começaram as obras da Avenida Atlântica, evidenciando a inclusão de Copacabana no grande projeto de remodelação urbana do Rio de Janeiro. A construção terminou somente dois anos depois, durante a prefeitura de Souza Aguiar (1906-1909). Por muito tempo, as entradas das casas ficavam na Avenida Nossa Senhora de Copacabana e o quintal era voltado para a orla. As calçadas de Copacabana influenciaram e influenciam diversos segmentos, como a moda, a produção de souvenirs turísticos e até o logo da coleção “Rio 4 Séculos” (Santos, 2013). “Os mosaicos em preto e branco de suas calçadas foram provenientes do arrasamento da pedreira do Inhangá, com desenhos de ondas trazidos de Portugal” (Mesquita, 2008, p. 76-77).

O Leme é constituinte de Copacabana, pois se trata da mesma unidade “sócio-geográfica” (Velho, 1989, p. 17), embora as especificidades desse bairro ou sub-bairro devem ser consideradas como a espacialidade limitada pela Avenida Princesa Isabel, pela orla e pelas montanhas. A atmosfera residencial, o pequeno comércio e relações pessoais comunitárias, a frequência da praia, foram alguns dos aspectos destacados por Elsie Lessa (1965, p. 124-125) em 1963, quando a escritora se mudara para o bairro. O compositor e radialista Ary Barroso foi outro morador que contribuiu para inserir o Leme na circulação cultural carioca, pois sua casa na subida do morro da Babilônia era frequentada por artistas, além disso usou sua influência em prol da favela do Chapéu Mangueira, conseguindo melhoria na estrutura urbana da comunidade. Após sua morte, a ladeira foi rebatizada com seu nome.

Ainda em 1904, a Companhia Jardim Botânico inaugurou o Túnel do Leme (contemporaneamente conhecido como Túnel Novo), através do Morro da Babilônia, ligando Botafogo a Copacabana, na atual Avenida Princesa Isabel. Gradualmente começaram a construção de vários palacetes próximos da orla. O bairro era pontilhado de habitações esparsas com núcleos maiores no Leme e ao redor da Praça Serzedelo Correia. Dois anos depois, foi construída uma residência na Avenida Nossa Senhora de Copacabana – uma autêntica “casa grande brasileira” da capital da República – numa época que o bairro era meio rural, com suas casas baixas, terrenos baldios, “com portugueses puxando pelas ruas as vacas dos estábulos e italianos consertando botes, remendando redes, cantando ou praguejando (Franco, 1965, p. 402-404). Entre 1911 e 1954, a família Melo Franco foi a proprietária da residência que se tornaria palco de conferências do jovem Olegário Mariano, de reuniões musicais com presença de Catulo da Paixão Cearense e do pianista português Artur Napoleão. Foram realizadas articulações que integrariam a história do Brasil e da diplomacia continental. A partir do governo de Venceslau Brás, a residência passou a sediar reuniões políticas e abrigou encontros durante a presidência de Delfim Moreira (1918-1919). Na biblioteca do porão, foram realizadas as articulações da campanha de Arthur Bernardes. Os bastidores da escolha de Getúlio Vargas como candidato da Aliança Liberal tiveram lugar nas salas do primeiro andar. O anteprojeto da Constituição de 1934 foi elaborado no salão de jantar. O palacete foi um “lugar de memória” da história familiar e da pátria.

Nos primeiros anos do século XX, a prefeitura regulamentou horário do banho de mar segundo orientações médicas que estipulava a ida à praia na madrugada, depois também seria recomendado o fim da tarde. Os documentos oficiais traziam longa lista com os medicamentos que os postos salva-vidas deviam ter. Acerca da vestimenta,

As mulheres vestiam umas roupas enormes de baeta azul-marinho, debruadas com cadarços brancos (as mais

ousadas usavam debrum vermelho, o que dava muito que falar). As calças vinham até os pés, terminavam com uns babadinhos também em debrum. E como complemento da complicada indumentária: toucas de baeta e sapatos de corda ou de lona (Barbosa, 1965, p. 539).

Além dessas regras, proibiam-se comportamentos inadequados, como gritarias durante o banho de mar, com vultosas multas no caso de quaisquer transgressões. Aos poucos, a valorização da vida balneária contribuiu para afirmar a região oceânica no panorama carioca. O bairro como espaço de diversão e lazer foi impulsionado pela inauguração de parques de diversão, restaurantes na orla e cafés.

Outras gestões municipais priorizaram a região, como a do prefeito Rivadávia da Cunha Corrêa (1914-1916), que tornou por decreto a independência de Copacabana do distrito da Gávea em 1915. No ano seguinte começou a abertura do Corte do Cantagalo, mas somente em 1938 que o prefeito Henrique Dodsworth (1937-1945) concluiu a via de ligação entre Copacabana e Lagoa. O prefeito Paulo de Frontin (1919) ficou no cargo apenas seis meses, mas durante seu governo, a Avenida Atlântica foi alargada e iluminada, inaugurou as avenidas Meridional (depois renomeada como Avenida Delfim Moreira, na orla do Leblon) e Niemeyer. Essas obras integraram um projeto de ocupação urbana, facilitando o sistema rodoviário em direção ao Sul, integrando Copacabana até a praia da Gávea à malha urbana carioca. Durante seu governo foram construídas novas galerias pluviais na orla de Copacabana, sem prejudicar o trânsito nem impedir o acesso às casas. Também foi inaugurada a Praça 26 de Janeiro, atual Praça do Lido. Essas obras confirmaram a Zona Sul como região privilegiada pelos investimentos municipais. Os irmãos Rodolfo e Henrique Bernardelli moravam numa casa na Avenida Atlântica, nas proximidades da praça, sendo um dos exemplos de palacetes com amplas

janelas voltadas para a orla. Ainda em 1920, foi instalado o quartel dos bombeiros, nas proximidades do Cantagalo.

Ao longo da década de 1920, os primeiros prédios construídos no bairro eram associados aos parâmetros da civilidade, sofisticação, conforto e higiene, aspectos do estilo de vida moderno e ao gosto das elites. Inicialmente, a intensa urbanização de Copacabana foi valorizada com vários novos prédios de arquitetura *art déco*. Na época que foram construídos representavam a opção de moradia mais arrojada, afinal era considerado um estilo associado à sociedade industrial, com característica moderna, decorativa, internacional e cosmopolita.

O bairro foi adquirindo ruas e praças, e, sobretudo em 1918, a demolição da igreja e a construção do Forte remodelaram o panorama da orla. Quatro anos depois, alguns militares aderiram ao movimento tenentista e protagonizaram a Revolta dos 18 do Forte, sendo um dos primeiros eventos importantes da história da cidade e do Brasil que ocorreram nesse bairro. Outro acontecimento relevante foi o atentado contra Carlos Lacerda, na Rua Tonelero em 5 de agosto de 1954. O jornalista era um dos principais opositores de Getúlio Vargas, o episódio agravou a crise do governo, culminando com o suicídio do presidente no dia 24 desse mesmo mês.

A elite e a classe média com situação financeira confortável escolheram este bairro litorâneo pela acessibilidade para os automóveis proporcionada pelos túneis e pavimentações de ruas, além da beleza natural que foi reforçada simbolicamente de diversas formas. Alguns dados biográficos de moradores – autênticos personagens do Rio – trazem informações interessantes. Ainda em 1919, a família de Lúcio Rangel mudou-se da Praça Afonso Pena, na Tijuca, para uma das três casas na Rua Constante Ramos. Sua rede de sociabilidade foi traçada fundamentalmente no bairro, onde morou desde os cinco anos. Ele se destacou como jornalista, foi um dos mais importantes pesquisadores de

música brasileira, editor da *Revista da Música Popular* (1954-1956) e publicou o livro *Sambistas e chorões* (1962). Seu sobrinho Sérgio Porto foi outro destacado cronista carioca e intelectual boêmio copacabanense.

O presidente Epitácio Pessoa (1919-1922) pediu ao empresário Octávio Guinle que construísse um hotel para receber os visitantes para a Exposição do Centenário da Independência (1922). O Copacabana Palace foi construído entre 1919 e 1923, projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire e inspirado nos hotéis Negresco, de Nice, e Carlton, de Cannes. O Hotel da família Guinle contribuiu muito para aquilatar a orla, valorizou a construção de janelas de frente para o mar, impulsionou a construção de edifícios de apartamentos nas proximidades, além de bares, restaurantes e hotéis menores. O turismo na orla atlântica foi alavancado com realização de eventos internacionais como forma de divulgação do bairro. Os cassinos inaugurados na década de 1930 também tiveram papel de destaque, por serem considerados atrativos capazes de atrair turistas estrangeiros. Copacabana e os bairros vizinhos passaram de arrabalde para lugar privilegiado do Rio de Janeiro neste mercado internacional, como pode ser percebido através dos guias turísticos. Na década de 1950, a mais importante empresa aérea do país, a Panair (Pan American Airways) que operou entre 1930 e 1965, mantinha dois escritórios na capital federal, um na Avenida Graça Aranha, no Centro, e outro na Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

As impressões decorrentes de novas formas de sentir o urbano foi objetivo de diversas revistas da Primeira República (1889-1930), especialmente sobre “o Rio de Janeiro, epicentro dessa nova temporalidade” (Velloso, 2010, p. 54) modernista. Esse acervo difundiu a ideia dos novos bairros oceânicos como espaço moderno da capital republicana, como espaço de lazer diferenciado, especialmente através das várias matérias sobre piqueniques na praia e *footing* pelas praças e pela orla. Prudente de Moraes Netto em seu poema “Copacabana, o verão e outras coisas” publicado na revista *Estética* (1924-1925) contrapôs a praia como local para repousar ao

Centro, localizado na “outra cidade pra lá do túnel” como polo das atividades financeiras, onde o ar era pesado, propício para rápidos encontros, homens suados e o bonde que não vinha.

A diferenciação simbólica de Copacabana e dos bairros praianos era difundida pelos jornais *O Copacabana* e *Beira-Mar* produzidos e direcionados primordialmente para os próprios moradores da região. O primeiro foi editado entre 1907 e 1919 e contribuiu para difundir o novo bairro como lugar civilizado, habitado por uma “aristocracia moderna”, em oposição da ideia de distante arrabalde. O outro periódico, que circulou entre outubro de 1922 e maio de 1955, consolidou a defesa dos bairros atlânticos como símbolos de distinção na sociabilidade e no morar carioca. Teve vários colaboradores como o escritor Augusto Frederico Schmidt, morador de Copacabana, que escreveu ainda nos primeiros anos da publicação. Ainda em 1927, o jornal *Beira-Mar* trouxe matéria sobre os “problemas” das favelas nos “bairros sul”, especialmente a falta de saneamento das habitações, a proliferação de doenças e os planos da prefeitura para melhorar essas condições. Também trouxe artigo sobre o projeto de abertura do Corte do Cantagalo e a valorização dos terrenos na Zona Sul. Segundo Cardoso (2009), foi uma das primeiras vezes que essa expressão foi divulgada pela imprensa numa clara diferenciação dessa região em oposição ao restante da cidade.

Posteriormente meios de comunicação de amplitude nacional também passaram a divulgar a orla carioca como local chique, elegante e diferenciado da capital federal, quando Copacabana tornou-se o maior bairro do país. Havia uma confluência de interesses em reafirmar o cosmopolitismo do Rio de Janeiro, com a inserção do Brasil nos moldes das sociedades urbano-industriais. Nesse processo, Copacabana era por excelência o bairro símbolo da modernidade nacional.

O cotidiano dos moradores copacabanenses passou por profundas mudanças. As lembranças de Sérgio Porto revelaram nuances

interessantes, pois durante sua infância jogou bola entre as ruas Constante Ramos e Santa Clara. O futuro técnico da seleção de futebol João Saldanha e o jogador Heleno de Freitas eram dessa turma que jogava futebol na praia durante a juventude. A pouca presença de carros, o clima pacato das ruas e da vizinhança marcou sua infância, como de muitos outros moradores do bairro. Essas experiências seriam impensáveis com o passar do tempo. Sérgio Porto rememorou as festas de junho e julho no bairro.

As classes média e alta buscaram Copacabana pelo *status*, residiam em edifícios de quatro a cinco andares e dispunham da praia como espaço de lazer democrático, pois podia se ver nas proximidades da orla, mulheres ricas de maiô e secretárias com roupas de seda rumando para o trabalho. Entre as décadas de 1920 e 1950, a nova Zona Sul concentrada na orla atlântica se tornou a área residencial preferida pelas elites da cidade, especialmente Copacabana, pois Ipanema e Leblon ainda tinham uma ocupação mais limitada. A propaganda de viver junto ao mar foi consolidada ao longo desse período, alavancando o boom da construção civil que se direcionou para os poucos lotes disponíveis, e sobretudo, para as residências com grandes terrenos que em muitos casos foram utilizadas por cerca de 20 anos no máximo, abrindo espaço para edifícios de vários andares viabilizados pela utilização do concreto. Essa verticalização se deu pela impossibilidade histórica que o relevo carioca causava de construir moradias além da praia do Leblon, sem envolver tecnologia e grande soma de recursos que nem a iniciativa privada nem o governo podiam e se interessavam em realizar (Cardoso & Araújo, 1992).

Outro aspecto da atração do bairro foi a possibilidade de frequentar a praia. “Se é verdade que a capital do país é uma cidade em que trezentos mil copacabanenses se divertem e um milhão e setecentas mil pessoas aspiram a morar em Copacabana” (Figueiredo, 1965, p. 280), sobretudo para estarem próximos do mar. A faixa de areia era um campo para novas vivências urbanas, tornou-se o espaço de lazer valorizadíssimo, onde se apreciava o sol e o mar, se praticava esporte como futebol de areia, peteca

e frescobol, além de paquerar – ver e ser visto. Era o ponto de encontro das várias turmas. A pecha de ser o antro do pecado se deveu em parte à liberação dos costumes e dos corpos feminino e masculino.

No domingo, os moradores do bairro recebiam logo cedo, por volta de oito e meia da manhã, os parentes que vinham com amigos. Cabe ressaltar que os transportes públicos eram escassos e o trajeto de carro era longo, especialmente se os familiares residiam na Zona Norte e nos subúrbios. O pessoal chegava com guarda sol, cadeira e brinquedos para as crianças. Retornavam para almoçar e traziam outros agregados, que encontraram na praia. Atrasavam o horário programado, alarmavam a dona da casa e as empregadas, pois precisavam colocar “água no feijão”. Inevitavelmente enchiam o apartamento de areia, tomavam banho e quando o proprietário tinha sua vez... Faltava água! Típico problema carioca nas décadas de 1940 e 1960. Depois do almoço, as visitas tomavam conta da vitrola e logo virava uma festa, atraindo os vizinhos mais chegados, necessitando comprar mais bebidas e preparar aperitivos. As demandas dos convivas eram muitas, pediam emprestado um livro, queriam comer algo diferente ou jogar baralho. Obviamente chegava alguém que ninguém conhecia (mas logo se descobria que era namorado da sobrinha ou da amiga desta), alguns passavam mal e sujavam ainda mais a casa, além de danificarem algum objeto ou móvel. A paz só era adquirida depois de meia noite, quando a multidão ia embora, mas ainda davam o último aviso: “Até o próximo domingo! Olha, domingo vamos trazer o Osvaldo, que canta sambas muito bem” (Figueiredo, 1965: 282). No fim, o filho pequeno do casal proprietário, sentia falta dos tempos que moravam na Tijuca, e aos domingos visitavam o zoológico. E para quem não acredita: “mude-se o leitor para Copacabana e verá” (Figueiredo, 1965: 282).

Na década de 1940, a presença cada vez maior de moradores e turistas impulsionou ainda mais a dinamização do bairro. A inauguração da Galeria Menescal, em 1948, entre a Avenida Nossa Senhora de Copacabana e a Rua Barata Ribeiro, visava um público elitizado, de classe média e alta, onde

poderia realizar suas compras sem se deslocar para o Centro. O incremento comercial do bairro contribuiu para torná-lo um dos principais subcentros cariocas. O jornalista Sérgio Porto, morador nascido e criado em Copacabana, o considerava “mais do que uma “pequena cidade”, era o seu grande país, de onde não gostava de sair nem para ir à Ipanema, como costumava dizer” (Mesquita, 2008: 80).

As mudanças empreendidas no bairro foram abordadas numa crônica, ou “canção” como intitulou a própria Eneida. Em 1943, a cronista e jornalista alugou um apartamento na Rua Barão de Ipanema, próximo ao mar. De frente ao seu prédio havia uma casa de cômodos habitada por lavadeiras, e crianças brincavam na rua. A sonoridade vinha das canções cantadas por essas mulheres e da algazarra das brincadeiras infantis em contraponto ao ronco dos automóveis das décadas seguintes. De sua janela, inicialmente avistava o morro dos Cabritos e suas “três palmeiras (que) mandavam mensagens (sobre o tempo) à planície” (Eneida, 1965, p. 169-170) e depois os arranha céus, de onde os moradores avistavam seu apartamento, com binóculos, como uma senhora lhe confidenciou. As casas de cômodos e os casarões foram demolidos para dar lugar a esses altos prédios.

A circulação social ficou mais incrementada com a inauguração da Confeitaria Colombo na Avenida Nossa Senhora de Copacabana em 1944. Os cinemas Roxy, Rian e Metro atuaram para colocar o bairro em sintonia com produções cinematográficas. A única permanência eram os fiéis frequentadores de um bar na esquina da rua, mesmo que mude de nome e de dono, que “conversam, riem, cantam e bebem chope”, para eles o que importa era essa confraternização que se iniciava nos dias de semana depois de 20 horas e nos sábados e domingos a qualquer hora, permanecendo até fechar o estabelecimento (Eneida, 1965, p. 171). Afinal, a cultura do café, do bar e do botequim é uma instituição carioca, valorizada pelos boêmios, intelectuais e demais trabalhadores.

Mesmo com a crescente modernização urbana do bairro, algumas reminiscências permaneceram. Antigos casarões, ruas sem saída, o velho comércio foram indícios do tempo de outrora, que alguns resistiram por vários anos ou resistem até a contemporaneidade. Esses lugares fizeram e fazem sentir “a extensão do tempo já vivido, a juventude morta, a já longa teoria de sêres que se desataram do temporal e agora flutuam na memória, e sempre caminham e dormem comigo” (Schmidt, 1965, p. 126).

Como já foi dito, a intensiva ocupação do solo de Copacabana impulsionou a verticalização das construções. Em 1946, a Prefeitura do Distrito Federal liberou o gabarito dos prédios no bairro para 8, 10 e 12 andares em consonância dos interesses imobiliários. Nos anos seguintes ocorreu um boom de edificações, evidenciada por várias matérias jornalísticas, por exemplo, em 1955, noticiava-se que o bairro era:

Uma espantosa cidade, ocupando a área (7.437 km<sup>2</sup>) de maior densidade demográfica da América Latina, na qual vive uma população de cerca de 200.000 habitantes, gente de todas as nacionalidades, gente de todos os Estados da Federação. Nos seus bares ou nas antessalas de seus cinemas, costuma-se ouvir conversa em todos os idiomas, até português... Segundo os últimos dados colhidos pelo IBGE, já havia ultimamente em Copacabana, 2.140 estabelecimentos comerciais e 30.000 domicílios, fora outros 3.870, em 8 favelas. Com 72 estabelecimentos de ensino, 9 hospitais, casas de saúde e postos médicos, 11 clubes, 63 farmácias, 23 hotéis, 28 garagens, 17 agências de automóveis, 3 paróquias (com vários templos), 1 estação transmissora de Televisão, 7 agências telegráficas e radiográficas, 128 ruas e avenidas, 16 cinemas, 4 teatros e 40 “boites”, Copacabana é uma cidade independente. Superior a muitas capitais brasileiras e a 7<sup>a</sup> ou 8<sup>a</sup> maior cidade do Brasil, inclusive as capitais. Em seus ônibus e bondes viajam por mês mais

de 10 milhões de pessoas. Somente uma das dezenas de empresas de ônibus que servem Copacabana – a linha 12 – transportou no ano passado – 9.075.800 passageiros! Nestes últimos anos a transformação de Copacabana foi radical. Quadras inteiras de edifícios residenciais e sobrados cederam lugar a blocos maciços de cimento armado com a altura máxima permitida pela Prefeitura: 12 andares. Agora chegou a vez do tradicional “Ponto de 100 réis”, a esquina que foi o berço e tem sido o coração do bairro-cidade. Vários prédios que ali marcavam o nascimento de Copacabana – a estação da Light, o mercadinho e outros – sofreram o ataque fulminante e demolidor dos fabricantes de progresso. Não ficou pedra sobre pedra e o terreno já está sendo preparado para receber um dos mais importantes e imponentes blocos arquitetônicos da cidade: o Centro Comercial Copacabana, edifícios majestosos, com 12 andares, 64 metros de fachada para Av. N. S. de Copacabana e 36 metros de frente para a Rua Siqueira Campos, 100 novas lojas, 6 escadas rolantes (servindo 2.250 pessoas por hora) além de 6 elevadores.

Esse desenfreado volume de novos prédios motivou a alcunha de “Nossa Senhora dos Condomínios” (Gomide, 1965, p. 130). “Copacabana constituiu o exemplo mais notável de verticalização habitacional do Rio de Janeiro, tendo sido ali as casas leves, praianas, rapidamente substituídas pelos prédios de apartamentos”, pois em poucos anos, essa “massa compacta sem recuos frontais ou laterais, praticamente privou os habitantes do interior do bairro da sensação de estar a metros da praia e dos ventos marítimos” (Marins, 1998, p. 193-194).

Numa perspectiva sociológica, a opção de residir em prédios reformulou as relações sociais do habitar, pois os moradores da vizinhança passaram a ser conhecidos pela numeração de cada apartamento (Braga, 1965, p.

308-309). Outro importante fenômeno da sociabilidade urbana copacabanense foi a concentração dos jovens em “turmas”, muitas vezes associadas a grupos específicos ou às ruas, como da Miguel Lemos que se tornou uma das mais importantes.

A década de 1950 foi o período de maior crescimento populacional e complexificação urbana, quando Copacabana passou a contar com galerias, adegas, charutarias, mais salas de cinema, teatros e centros comerciais, como o “primeiro supershopping center do mundo” como anunciava em 1957 a inauguração do Shopping Center Cidade de Copacabana entre as ruas Siqueira Campos e Figueiredo de Magalhães. Foi quando se consolidou a noção de bairro-cidade, por reunir o que era necessário numa urbanidade.

É preciso notar que, paralelamente ao crescimento urbano, a imprensa passou a expor os tradicionais problemas das grandes metrópoles, como o funcionamento deficiente dos transportes, a violência que passava a ameaçar os moradores, carência de moradia e os problemas de saúde pública. R. Manso (1965) – pseudônimo de Mário Brant – endereçou uma carta ao então prefeito do Distrito Federal, Bento Ribeiro (1910-1914), reclamando das ações públicas para resolver os problemas da Rua Barata Ribeiro e adjacências. A missiva estava sintonizada com a crítica humorística, numa inversão, isto é, abordava positivamente o péssimo calçamento, os buracos formadores de bolsões de água que atraíam mosquitos e causavam acidentes. Nessas enormes poças, segundo o autor, poderiam ser realizadas regatas e cultivar peixes. A demora dos poderes públicos em resolver esses problemas motivou o humorista a escrever este manifesto jocoso.

Os críticos ao desenvolvimento apontaram outros prismas como o desmatamento de árvores frutíferas e ornamentais, a poluição do mar e o aumento de grupos sociais indesejáveis, como as “prostitutas”, os “maconheiros”, “vigaristas” e os “paus-de-arara” (Gomide, 1965, p. 130-

131). O poeta evocou a “Nossa Senhora do Lago Andino” para “limpar este bairro do mau destino que o lisonjeia” (Gomide, 1965, p. 131). A prostituição em Copacabana era uma realidade desde o início da ocupação mais sistemática, sendo incrementada com o turismo, a presença de estrangeiros e a inauguração de bares e boates. Durante a década de 1950, a Avenida Atlântica era frequentada por “mulheres que se vestem de cetim, para realçar as formas num eterno *in the mood of Love*” (Antônio Maria, 1965, p. 283). Elas trabalhavam na clandestinidade, temendo a ação da polícia que as prendiam. Na noite carioca, quando a radiopatrulha aparecia, algumas fugiam e outras conseguiam um protetor, isto é, um homem que a acompanhasse e fingia ser um casal (Sabino, 1965, p. 289). Aprofundei análises e informações sobre o meio boêmio e cultural copacabanense na tese de doutorado (Santos, 2013).

Se a prefeitura do Rio, entre as décadas de 1940 e 1950, como já foi mencionado, inaugurou a Avenida Princesa Isabel e abriu os túneis entre as ruas Barata Ribeiro / Raul Pompéia e Tonelero / Pompeu Loureiro, na administração do governador do estado da Guanabara Carlos Lacerda (1960-1965) foram feitas novas intervenções urbanas como a construção do Túnel do Major Vaz, na Rua Tonelero, e a reforma da Praça do Lido.

Sobretudo, a partir da década de 1960, a cidade passou por um crescimento vertiginoso e sem planejamento, com a demolição de casas e prédios menores dando lugar a construções mais altas, multiplicando-se apartamentos menores, mais acessíveis para classe média com menores recursos que procuravam o *status* do bairro, além da proximidade com os locais de trabalho (Velho, 1989). Esse fator também motivou o aumento da favelização. O evidente aumento populacional e a intensificação do trânsito pressionaram o governo a buscar soluções como a facilitação de acesso ao Centro, onde os habitantes do bairro trabalham nos órgãos públicos, nos bancos, nas empresas, no comércio, entre outras instituições.

Efetivamente não havia uma legislação que determinasse área, nem forma, nem dimensão do apartamento, possibilitando a construção de edifícios com uma grande quantidade de pequenos apartamentos, pois “o aumento da oferta de apartamentos possibilitaria a venda dos mesmos a preços baixos por unidade, mas altíssimos se, se considerar o lucro que a empresa imobiliária obteria com a venda de todas as unidades” (Abreu, 2006, p. 129). Esses prédios de quarto-sala e conjugados foram construídos em diversos bairros da cidade, mas predominantemente na Zona Sul, e, sobretudo, em Copacabana. O crescimento populacional desse bairro foi considerável, pois em 1940 tinha 74.133 habitantes e vinte anos depois atingia 240.347. Tais lançamentos imobiliários eram vendidos com facilidade de crédito, tornando acessível morar no bairro, mas por outro lado a especulação imobiliária e o aumento populacional agravaram problemas de infraestrutura e mudaram o padrão social do bairro, algo apontado pelos antigos moradores.

No contexto apresentado, fica evidente que a produção dos cronistas foi fundamental na construção idealizada da cidade feita a partir e com base nesse bairro síntese da cidade sonhada e inventada. Vinicius de Moraes ocupou seu primeiro posto diplomático como vice-cônsul em Los Angeles, entre 1946 e 1950, e antes de se dedicar a música, escreveu, por volta de 1948, um “poema exaltação” ao bairro:

Esta é Copacabana, ampla laguna  
Curva e horizonte, arco de amor vibrando  
Suas flechas de luz contra o infinito.  
Aqui meus olhos desnudaram estrelas  
Aqui meus braços discursaram à lua  
Desabrochavam feras dos meus passos  
Nas florestas de dor que percorriam.  
Copacabana, praia de memórias!  
Quantos êxtases, quantas madrugadas  
Em teu colo marítimo!  
- Esta é a areia

Que eu tanto enlameei com minhas lágrimas  
- Aquele é o bar maldito. Podes ver  
Naquele escuro ali? É um obelisco  
De treva - cone erguido pela noite  
Para marcar por toda a eternidade  
O lugar onde o poeta foi perjuro.  
Ali tombei, ali beijei-te ansiado  
Como se a vida fosse terminar  
Naquele louco embate. Ali cantei  
À lua branca, cheio de bebida  
Ali menti, ali me ciliciei  
Para gozo da aurora pervertida.  
Sobre o banco de pedra que ali tens  
Nasceu uma canção. Ali fui mártir  
Fui réprobo, fui bárbaro, fui santo  
Aqui encontrarás minhas pegadas  
E pedaços de mim por cada canto.  
Numa gota de sangue numa pedra  
Ali estou eu. Num grito de socorro  
Entreouvido na noite, ali estou eu.  
No eco longínquo e áspero do morro  
Ali estou eu. Vês tu essa estrutura  
De apartamento como uma colmeia  
Gigantesca? em muitos penetrei  
Tendo a guiar-me apenas o perfume  
De um sexo de mulher a palpitar  
Como uma flor carnívora na treva.  
Copacabana! ah, cidadela forte  
Desta minha paixão! a velha lua  
Ficava de seu nicho me assistindo  
Beber, e eu muita vez a vi luzindo  
No meu copo de uísque, branca e pura  
A destilar tristeza e poesia.  
Copacabana! réstia de edifícios  
Cujos nomes dão nome ao sentimento!  
Foi no Leme que vi nascer o vento

Certa manhã, na praia. Uma mulher  
Toda de negro no horizonte extremo  
Entre muitos fantasmas me esperava:  
A moça dos antúrios, deslembada  
A senhora dos círios, cuja alcova  
O piscar do farol iluminava  
Como a marcar o pulso da paixão  
Morrendo intermitentemente. E ainda  
Existe em algum lugar um gesto alto,  
Um brilhar de punhal, um riso acústico  
Que não morreu. Ou certa porta aberta  
Para a infelicidade: inesquecível  
Frincha de luz a separar-me apenas  
Do irremediável. Ou o abismo aberto  
Embaixo, elástico, e o meu ser disperso  
No espaço em torno, e o vento me chamando  
Me convidando a voar... (Ah, muitas mortes  
Morri entre essas máquinas erguidas  
Contra o Tempo!) Ou também o desespero  
De andar como um metrônomo para cá  
E para lá, marcando o passo do impossível  
À espera do segredo, do milagre  
Da poesia.  
Tu, Copacabana,  
Mais que nenhuma outra foste a arena  
Onde o poeta lutou contra o invisível  
E onde encontrou enfim sua poesia  
Talvez pequena, mas suficiente  
Para justificar uma existência  
Que sem ela seria incompreensível (Moraes, 1965, p. 127-  
129).

A ligação de Vinicius com a cidade, sobretudo com esse bairro, os períodos que residia longe do Brasil e seu incontestado talento poético esteve

demonstrado nesse poema, antecedendo várias das composições que o projetaria no meio musical a partir de meados da década seguinte.

Ao longo dos anos, Copacabana conquistou e manteve a proeminência cultural, sendo inspiração, cenário e espaço das mais diversas representações artísticas, da mesma forma que ainda é um dos mais representativos bairros cariocas, com reconhecimento imediato em qualquer lugar do Brasil, quiçá do mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana no Rio de Janeiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: IPP, 2006.

ANTÔNIO MARIA. A noite em 1954. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 282-283.

BARBOSA, Francisco de Assis. Dona Filó é quem diz. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 537-540.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

BRAGA, Rubem. Vizinhos numerados. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 308-309.

CARDOSO, Ciro Flamarion; ARAÚJO, Paulo Henrique da Silva. **Rio de Janeiro**. Madri: Mapfre, 1992.

CORBIN, Alain. **Território do vazio**. A praia e o imaginário ocidental. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA RÊGO. Coelho Cintra, pai de Copacabana. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org).

**Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 527-528.

ENEIDA. A rua barão de Ipanema em 12 anos. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 168-171.

FIGUEIREDO, Guilherme. Repouso em Copacabana. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 279-282.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Casa dos Melo Franco, em Copacabana. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 401-404.

FREYRE, Gilberto. Sociologia do bonde. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 324-325.

GERSON, Brasil. Misericórdia: rua-mártir do Rio. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 142-146.

GOMES, Pedro. Dois mundos opostos no Rio. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 3/1/1953, p. 67.

GOMIDE, Paulo. Ataque do poeta a Copacabana. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org).

**Rio de Janeiro em prosa & verso.** Rio

de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 130-131.

LEMOS, Ubiratan de. Oração antes do túnel. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 9/1/1965, p. 73.

LESSA, Elsie. A nova moradora do Leme. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 124-125.

MAIA, Andréa Casa Nova; SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **Rio, cidade submersa: Imagem e história das inundações cariocas.** Rio de Janeiro: Onirá Editora, 2025.

MANSO, R. Regatas na rua Barata Ribeiro. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org).

**Rio de Janeiro em prosa & verso.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 312-313.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando (Dir.); SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil.** Volume 3: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 131-214.

MESQUITA, Claudia. **De Copacabana à Boca do Mato.** O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MORAES, Vinicius de. Esta é Copacabana, ampla laguna. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org).

**Rio de Janeiro em prosa & verso.** Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 127-129.

O'DONNELL, Julia Galli. **A invenção de Copacabana.** Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

REIS, José de Oliveira. **Rio de Janeiro e seus prefeitos – evolução urbanística da cidade.** Volume 1. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.

SABINO, Fernando. Defensor, na noite. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 289-290.

SANTOS, Francisco Agenor Noronha. **Meios de transporte no Rio de Janeiro.** Volume 1. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1934.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **“Minha alma canta, vejo o Rio de Janeiro”:** a Zona Sul carioca entre crônicas e canções. 2013. 270 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil / Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Caminho de pitangueiras, à beira-mar. In:

BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (Org). **Rio de Janeiro em prosa & verso**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1965, p. 125-127.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana** – um estudo de antropologia social. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Claudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas**. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 43-110.